2. Literatura infantil brasileira

conceitos e problemas à luz dos estudos de Leonardo Arroyo e Cecília Meireles

Márcia Cabral da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, M.C. Literatura infantil brasileira: conceitos e problemas à luz dos estudos de Leonardo Arroyo e Cecília Meireles. In: SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M., orgs. *Literatura, leitura e educação* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 51-72. Pesquisa em educação/ Práticas de leitura e escrita series. ISBN 978-85-7511-497-1. Available from: doi: [10.7476/9788575114971.0003](https://doi.org/10.7476/9788575114971.0003). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/5gg44/epub/silva-9788575114971.epub>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

Literatura infantil brasileira: conceitos e problemas à luz dos estudos de Leonardo Arroyo e Cecília Meireles¹

Márcia Cabral da Silva

A Literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É *uma nutrição*. A Crítica, se existisse, e em relação aos livros infantis, deveria discriminar as qualidades de formação humana que apresentam os livros em condições de serem manuseados pelas crianças. Deixando sempre uma determinada margem para o mistério, para o que a infância descobre pela genialidade da sua intuição.

— CECÍLIA MEIRELES

O livro de ficção para crianças é de difícil conceituação. Livro para se ler, segundo o gosto da criança, ou livro para se ensinar a ler, circunscrito pela visão dominante de adultos e pedagogos? Trata-se de uma ambivalência nuclear que demarca o campo em seus primórdios e permanece, notadamente, atual.

Na historiografia da literatura infantil no Brasil, por um lado, o livro de ficção tem sido identificado como livro para instruir; por outro, visto como potencial objeto de entretenimento. De modo a se refletir sobre essa ambivalência em perspectiva histórica, adotou-se uma revisão conceitual em diálogo com estudiosos que se debruçaram sobre o assunto e apontaram inflexões relevantes para o campo de estudo. A pesquisa, desenvolvida por Leonardo Arroyo (1918-1986), publicada em 1968 e baseada em

¹ Este texto foi publicado na revista *Teias*, v. 16, n. 41 (2015), e atualizado para este livro.

diversas fontes documentais, é um marco importante. Em acréscimo, as conferências proferidas por Cecília Meireles (1901-1964) e reunidas em um livro nos anos 1950, intitulado *Problemas da literatura infantil*, concorrem para noções originais, com vistas a se ampliar tal exame.

2.1 Literatura infantil brasileira: contribuições de Leonardo Arroyo

Nessa linha de consideração, deve-se ter em conta a pesquisa desenvolvida por Leonardo Arroyo, publicada em primeira edição em 1968² e baseada em fontes documentais, como catálogos de livrarias e de bibliotecas, livros de memórias e relatos, entre outras.

Leonardo Arroyo era um homem do campo das letras. Conforme indica Coelho (1995), trabalhou como editor da *Folha de São Paulo* e como diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, dedicando-se a diferentes pesquisas que, posteriormente, foram publicadas em forma de livros. Em acréscimo, na década de 1940, dedicou-se a adaptações de contos clássicos para a *Coleção Encantada* (Editora Melhoramentos). Nota-se, portanto, que sua pesquisa, relacionada a preliminares para a história e às fontes da literatura infantil no Brasil, ancorava-se, sobretudo, em vertentes sólidas extraídas do campo de atuação intelectual no qual se inseria.

Em que pese a dificuldade de se localizarem catálogos de editoras e de bibliotecas, cuja preservação, com frequência, tem sido negligenciada nos acervos do país, o estudioso pôde suprir essa lacuna apoiando-se em depoimentos memorialísticos, ensaios sociológicos e, nos limites de seu inventário, no exame dos livros infantis que pôde localizar. A metodologia, embora apre-

2 Arroyo (1968); Arroyo (2011). Este estudo baseia-se na primeira e na última edições.

sente alguns hiatos, como, por exemplo, a ausência de uma antologia de textos ficcionais infantis – prevista no plano inicial da obra – e a avaliação de obras contemporâneas à época da escrita do autor, teve o mérito de indicar fontes preliminares, para que outros estudos nesse campo pudessem ocorrer no futuro.³

As reminiscências das leituras da infância de Manuel Bandeira,⁴ registradas em *Itinerário de Pasárgada* (Bandeira, 1954), são um exemplo interessante de como a metodologia selecionada por Leonardo Arroyo pode contribuir para a recuperação de fontes documentais de outros tempos:

O meu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos terá sido provavelmente em contos de fadas, em histórias da carochinha, no Recife, depois dos seis anos. Pelo menos me lembro nitidamente do sobressalto que me causava a cantiga da menina enterrada viva no conto “A madrasta” [...]. Procuro me lembrar de outras impressões poéticas da primeira infância e eis que me acodem os primeiros livros de imagens: *João Felpudo*, *Simplicio olha pro ar*, *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*. Sobre tudo este último teve influência muito forte em mim; por ele adquiri a noção de haver uma realidade mais bela, diferente da realidade quotidiana, e a página do macaco tirando cocos para os meninos despertou o meu desejo de evasão. No fundo, já era Pasárgada que se anunciava (pp. 9-11).

No relato do poeta, verificam-se elementos relevantes para a compreensão da mencionada metodologia: de um lado,

3 O estado da arte dos conceitos a respeito da historiografia da literatura infantil brasileira é vasto. Nos limites deste estudo, remeto a alguns outros que guardam filiação estreita com a matriz inaugurada por Leonardo Arroyo: Lajolo e Zilberman (1986); Lajolo e Zilberman (1994); Coelho (1991), por trazerem referências explícitas ancoradas na pesquisa do autor.

4 Manuel Carneiro Sousa Bandeira Filho (Recife, 19/04/1886–Rio de Janeiro, 13/10/1968).

acentua-se o resgate das influências extraídas da tradição oral e dos tipos de livro infantil que circulavam na sociedade da época: *João Felpudo*, *Simplicio olha pro ar*, *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*. Em acréscimo, observam-se as impressões rememoradas sobre a experiência com a literatura na visão de uma criança: “[...] adquiri a noção de haver uma realidade mais bela, diferente da realidade quotidiana, e a página do macaco tirando cocos para os meninos despertou o meu desejo de evasão”. Não bastasse o desenho das impressões delineado, o depoimento do poeta faculta, de outra parte, a possibilidade de se refletir sobre os modos de apropriação do material literário por parte do pequeno leitor em formação: a leitura causava-lhe medo, desejo de evasão, impressões poéticas. Acentua-se, pois, uma perspectiva cara aos estudos tanto no âmbito da sociologia da leitura como da história cultural no que diz respeito às possibilidades de apropriação dos impressos.⁵

Nessa direção interpretativa, convém lembrar que a leitura é uma atividade cultural radicada na história. São, portanto, inúmeras e variadas as comunidades interpretativas possíveis de mapeamento no que diz respeito à apropriação dos livros de ficção no período da infância. É nesse sentido que os relatos de leitores-autores ou de leitores comuns auxiliam na mencionada metodologia de compilação e de interpretação de fontes, como observa Leonardo Arroyo, em seu rigoroso ensaio.

De *Os três mosqueteiros* e de contos folclóricos extraídos da densa literatura oral em contexto brasileiro, por exemplo, dá-nos notícia a poetisa Cecília Meireles (1994), nascida em 1901:

Sempre gostei de livros e, além dos livros escolares, li os de história infantil e os de adultos: mas estes não me pareciam tão interessantes,

5 Entre os trabalhos que abordam o conceito de apropriação relativo ao impresso, observam-se, em particular, os estudos de Chartier (1990, 1996 e 1999); Certeau (1991); Silva (2009).

a não ser, talvez, *Os três mosqueteiros*, numa edição monumental, muito ilustrada, que fora de meu avô. Aquilo era uma história que não acabava nunca; e acho que esse era o seu principal encanto para mim [...].

Mas, se antes de saber ler já gostava de brincar com livros, antes de brincar com livros, gostava de ouvir histórias. Minha pajem, uma escura e obscura Pedrina, que sobrevivera (embora não por muitos anos) à onda de sucessivas mortes que arrebatou toda a minha família, foi a companheira mágica da minha infância. Ela sabia muito do folclore açoriano, e sabia adivinhações, cantigas, fábulas etc. (p. 83).

Estabelecida a metodologia para a coleta dos dados, Leonardo Arroyo detém-se, em seguida, nas reflexões sobre a gênese do livro infantil no mundo ocidental. Anotaria, a esse respeito, uma premissa curiosa. A seu ver, questões relativas à filiação das histórias ou mesmo aos temas já estariam bem equacionadas do ponto de vista de uma tentativa de sistematização. Entretanto, à época, a complexidade ainda permanecia, em grande medida, circunscrita ao delineamento técnico-pedagógico relativo à literatura infantil, por sua condição afeita a mudanças no espaço e na cultura humana.

Note-se que, ainda segundo o estudioso, se observadas as edições modernas de *As mil e uma noites*, dos contos clássicos, parece que os temas não passam por grandes variações. No entanto, o tratamento, o estilo e o modo de contar as histórias guardariam estreita associação com a concepção de infância em voga e até mesmo com os valores postos a serviço de sua educação. Em sua exposição, o estudioso reflete sobre a concepção corrente de criança como um ser em miniatura, adulto em tamanho pequeno, sendo, portanto, conformada por aquele ângulo no que diz respeito a gosto,

escolhas e, sobretudo, fisionomia dos livros infantis. Essa, sim, pode ser pensada como a dimensão mais complexa relacionada à definição de literatura infantil. Portanto, em que medida é possível conciliar fruição da arte literária com ordenamento e moralização por parte dos adultos? Como a escola – instituição cujos pressupostos baseiam-se, em grande medida, em educar a criança para responder aos valores vigentes – lograria emancipá-la, consoante a perspectiva estética, conforme percebia Manuel Bandeira, apoiado em uma sensibilidade própria da criança, ao se confrontar com as primeiras leituras de sua infância?

Os laços estreitos entre material literário e destinação instrutiva não é uma questão menor, quando observadas as primeiras décadas do período republicano – momento em que se acompanha uma circulação em ascendência dos livros ficcionais e escolares destinados às crianças no Brasil, a par de um ideário civilizador apoiado, em grande medida, na instrução. Para ficar em um estudo de caso que põe em relevo a literatura infantil e o mercado editorial sob a égide do binômio *entreter e instruir*, note-se a *Biblioteca Infantil* (Livraria Quaresma Editora).⁶

6 A respeito da relevância dos livros que circularam pela editora destinados tanto a crianças como ao público em geral, conferir, em especial, o estudo de El Far (2004). Sobre a importância do projeto mais amplo da Livraria Quaresma Editora, verificar, em acréscimo, Hallewell (1985).

Bibliotheca da Livraria Quaresma

Histórias da Avósinha. Livro para crianças. Contendo maravilhosa collecção de contos populares, moraes e proveitosos de vários paizes, traduzidos uns, e outros apanhados da tradição oral. (1936)

Figura 1: Histórias da Avósinha, Rio de Janeiro, Editora Livraria Quaresma, 1936. Bibliotheca da Livraria Quaresma

A Livraria Quaresma Editora ou Livraria do Povo (rua São José, 65-67) destacava-se, no último quartel do século XIX, pela produção de livros baratos voltados para o povo, assim como de livros destinados a crianças, contos adaptados para a realidade brasileira, de conteúdo moral, histórias proveitosas e piedosas de vários países, algumas traduzidas e outras colhidas da tradição oral.

A primeira ocorrência desses livros localizada no periódico *O Paiz*, em 1894, consiste no título *Contos da cachorrinha*. No curto intervalo de dois anos, contudo, registram-se, no mesmo periódico, reedições de *Contos da cachorrinha*, notas críticas sobre o projeto editorial e o lançamento de outros títulos: *Contos da avózinha*, *Histórias do Arco da Velha*, *Os meus brinquedos*, *Histórias da Baratinha*. Desse modo, em novembro de 1896, já não se registram mais apenas anúncios contendo títulos avulsos. Nesse momento, a Livraria Quaresma & C. – Livreiros Editores anuncia uma biblioteca completa: “*Bibliotheca Infantil, dedicada especialmente às crianças*”.

Para dirigi-la, Pedro da Silva Quaresma convidou o jornalista e escritor fluminense Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914).⁷ Pimentel não era um mero desconhecido, visto que, em 1893, lançara um livro com viés sensacionalista, *O aborto*, considerado leitura para homens, e, mais tarde, em 1907, passara a ser o responsável pela seção “Binóculo” do periódico *Gazeta de Notícias*, atividade que parece consagrá-lo como cronista social de seu tempo.

7 Conferir verbete em Menezes (1969).

QUARESMA & C. — Livheiros editores

BIBLIOTHECA INFANTIL

DEDICADA ESPECIALMENTE A'S CRIANÇAS

A's crianças brasileiras, de mais de família, aos educadores, ao publico em geral recomendamos a BIBLIOTHECA INFANTIL, serie de livros puramente destinados ás crianças, que editamos e continuamos a editar.

As se acham á venda as seguintes obras, cada qual mais variada e interessante completamente diversas umas das outras:

CONTOS DA CAROCHINHA

esplendida colleção de 61 historias populares, fantasticas e misticas, mas todas com um fundo moral e piedoso. São esses contos antiquissimos que as velhas avozinhas, de mais crentesmas, as fadas, e mesmo as anãs, costumam contar ás crianças; contos que toda a gente conhece, mas que só agora estão reunidos em volume.

Esta colleção fazem parte as celebres e populares historias:

A Bella e a Fera, João Felpudo, Pedro Malazarte, A Gata Borralheira, D. Carochinha e o Sr. Martinho, etc. e infinitissimas outras.

Um grande volume encadernado, de 400 paginas, com 200 gravuras..... 4000

HISTORIAS DA AVÓSINHA

Indisizimo volume contendo 50 historias das mais variadas, serias, humoristicas, alegres e tristes, em se falam em lobadomens, em santos, em magros e em felas, todas, porém, muito morcos, de modo a ensinar ás crianças o amor do trabalho, o effeito das humilhações, a pericia do bem, e da virtude; em sumo, ensinamentos generosos e bons.

As HISTORIAS DA AVÓSINHA, encorram maravilhosos contos, tais como: **O ovo e o acitinho, Os andorinhos fofinhos, O soldado e o diabo, A gatinha branca,** e inumeras outras, que fazem o encanto e delicias das crianças que os leem.

Um elegante volume encadernado, com gravuras e vinhetas..... 4000

HISTORIAS DO ARCO DA VELHA

na qual estão reunidos 60 contos deliciosos, como sejam os seguintes:

A Branca Favel, Felle do neno, ou a princeza que possuía tres vestidos, sendo um da cor do tempo, outro da cor do sol, e o terceiro da cor da lua. O burro e o boi. As historias do Pequeno Polegar e do Pequeno Polegar. O afilhado que matava sete de uma vez, e varias outras, iguaes, ou talvez mesmo melhores, todas rapidissimamente contadas por Viriato Padilha.

Um encimo volume encadernado, com gravuras..... 4000

OS MEUS BRINQUEDOS

Incensuravelmente a melhor obra para crianças, que ha escripta em lingua portugueza. São os divertimentos que os meninos e as meninas usam em casa, que em jogos, quer na choccara, em collegios, na rua, em toda parte.

São multissimos os passatempos, e entre elles:

A virvulha, A bola, pastora, Carneirinho, carneirão, Amarella, O piquê, O chicote queimado, etc., etc.

Para as crianças de maior idade, e mesmo para moços e moças, em séries familiares e reunidas, citamos alguns de prosa:

O amigo, O medico e o boticario, O senhor S. Roque, O casamento occulto, A berlinda, etc., etc.

Além disso contém muitas commedias, scenas, e pequetos dramas, para serem representados nas casas, nos collegios e em theatros particulares.

Um feto volume encadernado com gravuras e vinhetas..... 1000

HISTORIAS DA BARATINHA

outro livro selecto, verdadeiramente aitaliano, que recomendamos com especial attenção ás crianças brasileiras. Poderia elle 70 historias sobre os mais variados assumptos, animadas que falam, guios mysteriosos da Arabia e da Persia, palacios fortissimos das Mil e uma noites, etc., sendo para notar que ha nesta colleção contos que nunca foram publicados, e que, por isso, se tornam mais interessantes. Ha nas HISTORIAS DA BARATINHA, entre contos mais: **Novas aventuras de Pedro Malazarte, O genio mysterioso, etc., etc.**

Um lindo volume encadernado, com gravuras e vinhetas..... 4000

A BIBLIOTHECA INFANTIL, que editamos, é uma colleção de obras que têm folto e farto as delicias da infancia brasileira. Todas as obras a ella pertencentes são escriptas em stylo simple, em linguagens facil e correcta, sem phrases rebuscadas e terminos difficeis, por **Figueiredo Pimentel**, um dos mais apreciados litteratos brasileiros, hoje consociado e cada vez mais applaudido. Toda volume de 300 e 400 paginas, impresso altissimamente em excellento papel, typo grande, com inumeras gravuras, vinhetas e lettras de fantasia, mandadas vir especialmente da Europa e da America do Norte; fortemente encadernado, com uma bellissima capa e cores, pelo preço de..... 1200

Prezamos ao publico que os livros da BIBLIOTHECA INFANTIL, são uniformes, isto é, têm o mesmo tamanho e formato, a mesma capa e encadernação, e todos elles são de côrtes copias. Este aviso torna-se necessario, em vista da imitação injuriosa que se ha feito, e prevencivamente ao fôrta aiada, devido ao extraordinario successo, ao incompensavel exito, a grande procura que têm tido luas livres para crianças.

LIVRARIA DO POVO, RUA DE S. JOSE' NS. 65 E 67

Figura 2: O Paiz (12/11/1896 – ed. 04424, página 8) – Hemeroteca Fundação Biblioteca Nacional

Do ponto de vista das ilustrações, a biblioteca contou com a colaboração do desenhista e caricaturista Julião Machado,⁸ como se lê na folha de rosto de *Histórias da Avósinha* (1936): “Obra ilustrada com 131 gravuras desenhadas por Julião Machado”. Em seu estudo, Herman Lima (1963) sublinha as seguintes referências, entre outras:

Julião foi, na verdade, quem trouxe ao humorismo nacional o gosto pelo desenho decorativo e pela legenda de espírito, de cunho eminentemente francês, pois a sua tendência sempre foi mais para a crítica psicológica, de fundo intelectual, do que para a pura deformação física da humanidade. Foi, também, o primeiro a adotar, nas suas publicações, os processos gráficos do zinco e da fotografia, abrindo, assim, novos e mais amplos horizontes ao periodismo humorístico e elegante do Brasil (p. 16).

Figura 3: *História da Avósinha* (1936). Ilustrações de Julião Machado.

8 Julião Machado (São Paulo de Luanda, Angola, 1863/Lisboa, Portugal, 1930), desenhista e caricaturista ativo no Rio de Janeiro entre 1894 e 1920. Verificar informações adicionais em Lima (1963) e Ayala (1973).

O ilustrador também distinguia o projeto editorial da coleção de livros infantis, por ser considerado um caricaturista de destaque da imprensa da época, tendo colaborado, inicialmente, com *Gazeta de Notícias*, mais tarde em *A Cigarra* (que fundou em 1895, com Olavo Bilac), *A Bruxa* (da qual foi um dos fundadores, com João Laje e Olavo Bilac, em 1896), *Jornal do Brasil*, *O País*, *Jornal do Commercio*, *A Noite* e *D. Quixote*. Alberto Figueiredo Pimentel lançava-se, pois, na adaptação e na organização de uma biblioteca destinada a crianças contendo livros ilustrados com requinte e que foram reeditados pela Livraria Quaresma Editora até os anos 1960.

A destinação dos livros a pequenos leitores aparece reiterada pelo subtítulo inserido na capa e na folha de rosto de *Histórias da Avósinha* (1936): “livro para crianças”. A partir do estudo desenvolvido por Arroyo (1968, 2011), sabe-se que eram enredos extraídos da tradição oral e dos contos populares. De que forma a destinação, então, facultaria um modo especial de tratamento à matéria literária? Vamos encontrar importantes indícios, desde o prefácio da primeira edição de *Histórias da Avósinha*, datada de 1896 – ou seja, considerando-se a edição de 1936, examinada nos limites deste estudo, já se passam mais de três décadas de laços ainda bem firmes entre fruir e moralizar via arte literária destinada à infância:

Prefácio da 1ª edição

Pela terceira vez editamos um livro de contos para crianças. Animou-nos tal cometimento o extraordinário successo dos anteriores – *Contos da carochinha* e *Histórias do arco da velha* – que obtiveram exito extraordinário, raro, nos annaes da livraria brasileira. Em verdade, ambos esses livros – dizemol-o com orgulho – vieram preencher sensível lacuna: nelles estão reunidos muitissimos contos populares, que andavam *espalhados exclusivamente na tradição oral*, passando de geração em geração, sem no emtanto nunca haverem sido colleccionados

e escriptos. Continuamos hoje a série tão auspiciosa e brilhantemente encetada, publicando este terceiro volume – *Histórias da Avósinha* [...]. *As crianças brasileiras, às quaes destinamos e dedicamos esta série de livros populares, encontrarão nas Histórias da Avósinha agradável passatempo, aliado a lições de moralidade, porque taes contos, aparentemente frivolos, encerram sempre um fundo moral e piedoso* (Pimentel, 1936, pp. 9-10, grifos nossos).

Para além das lições de moralidade explícitas no endereçamento às crianças brasileiras, há de se interrogar, por outro lado, como os contos populares acentuados na perspectiva da tradição delineada no estudo de Leonardo Arroyo (1968; 2011), passados de geração em geração, com feição e marcas de oralidade, configuraram-se em matéria escrita e em um suporte tão diferenciado quanto aqueles circunscritos pela fisionomia dos contos orais. Os temas clássicos são, de início, adaptados nos títulos com referência aos bons juízes ou aos meninos exemplares, à magia e ao encanto como esteio das boas ações; das fábulas, como da onça e da raposa ou do cágado e do urubu, como uma lição de vida a ser considerada.⁹ A título de exemplificação desse tipo de ideário em *Histórias da avósinha*, observe-se o curto conto a seguir:

9 O livro examinado contém o seguinte conteúdo, identificado no índice organizado e inserido ao final dos contos: “Prefácio da nova edição”, p. 5; “Prefácio da 1ª edição”, p. 9; “O companheiro de viagem”, p. 11; “O avô e o netinho”, p. 29; “O soldado e o diabo”, p. 33; “O violino mágico”, p. 39; “O miudinho”, p. 43; “O sargento verde”, p. 49; “O patinho aleijado”, p. 55; “O besouro de ouro”, p. 63; “O moço pellado”, p. 73; “Os três cavalos encantados”, p. 83; “História de um pintinho”, p. 93; “O papagaio dourado”, p. 101; “O moleque de carapuça dourada”, p. 111; “A onça e o cabrito”, p. 123; “O afilhado do diabo”, p. 131; “O príncipe enforcado”, p. 141; “A princesa dos cabelos de ouro”, p. 151; “O peixe encantado”, p. 175; “O pássaro mavioso”, p. 183; “Joaquim, o enforcado”, p. 189; “O príncipe querido”, p. 199; “O anjo da guarda”, p. 215; “A casa de maribondos”, p. 223; “O macaco e o moleque”, p. 227; “O bom juiz”, p. 231; “A moça encontrada no mar”, p. 233; “As três princesas encantadas”, p. 241; “Os anões mágicos”, p. 247; “Aventuras de um jabuty”, p. 255; “A gatinha branca”, p. 259; “O dr. Grillo”, p. 277; “O grande advogado”, p. 281; “Os anõesinhos feiteiros”, p. 285; “A casa mal-assombrada”, p. 291; “Aventuras do Zé Gallinha”, p. 295; “O

O PAI e O FILHO

Numa terra selvagem havia o bárbaro costume de levarem os filhos os pais para o matto quando ficavam velhos e já não podiam mais trabalhar, para os deixar morrer de fome. Um dia, um rapaz, seguindo aquella tradição, carregou com o pai ás costas, e foi abandoná-lo no matto. Chegando ahi, como tinha bom coração, deixou-lhe uma capa, a fim de o resguardar do frio. – Tens ahi uma faca, rapaz? perguntou-lhe o velho, quando o filho se ia retirando. – Tenho, sim, senhor. Para que? – É para cortar um pedaço desta capa, afim de servir para ti, quando teu filho te trazer. O rapaz ficou commovido, reconsiderou o seu acto, e trouxe outra vez o pai, acabando assim com tão malvado costume (Pimentel, 1936, p. 318).¹⁰

Em realidade, os textos ficcionais adaptados, à época, para a infância pela Livraria Quaresma Editora, examinados no livro *Histórias da avósinha* (1936), são traduções bem-sucedidas de contos populares ou histórias curtas inventadas, que visavam estimular a imaginação. São eloquentes os relatos memorialísticos que falam de evasão, como as memórias de Manuel Bandeira, registradas em *Itinerários de Pasárgada*, indicam.

No entanto, as adaptações dos contos não perdiam de vista, do mesmo modo, a associação do divertimento com os preceitos morais, como podemos identificar na conclusão do pequeno conto examinado: “O rapaz ficou comovido, reconsiderou o seu acto, e trouxe outra vez o pai, acabando assim com tão malva-

kagado e o urubu”, p. 307; “A princesa adivinha”, p. 311; “Os três ministros”, p. 315; “O pai e o filho”, p. 318; “A rainha das águas”, p. 319; “A moça do lixo”, p. 331; “A velha feiticeira”, p. 335; “A sapa casada”, p. 341; “A onça e a raposa”, p. 347; “O anel mágico”, p. 349; “Um raio de sol”, p. 355; “A faquinha e a bilha quebrada”, p. 361; “A burra e o seu burrinho”, p. 369; “O vestido rasgado”, p. 381; “A alma do outro mundo”, p. 387.

10 Agradeço a colaboração da bolsista de IC, Mariane Sousa, assim como da mestrandia Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza, pelo levantamento e o tratamento das fontes localizadas na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

do costume”. Segundo essa perspectiva, os temas, o enredo e os personagens também eram delineados à luz de uma estética de cunho moral. Em um momento de formação da identidade nacional, como identificado na passagem do século XIX para o XX (Hansen, 2011), tratava-se de erigir a noção de pátria à luz das civilizações ilustradas e letradas, a ser construída pelos futuros adultos, ou seja, pelas crianças brasileiras leitoras e em formação. Em razão desse projeto, Figueiredo Pimentel advertia os adultos, pais e professores:

As crianças brasileiras, às quais destinamos e dedicamos esta série de livros populares, encontrarão nas *Histórias da avósinha* agradável passatempo, aliado a lições de moralidade, porque taes contos, aparentemente frívolos, encerram sempre um fundo moral e piedoso (Pimentel, 1936, p. 318).

Ou o que podia ser lido em um anúncio do jornal *O Paiz*, em dezembro de 1896, acerca do conjunto de livros para crianças denominado *Bibliotheca Infantil*, assim como do lançamento de novo título da coleção: *Histórias da baratinha*.

As crianças que tanto apreciam a excelente *Bibliotheca Infantil*, editada pelos operosos livreiros Quaresma & C., encontrarão hoje o 5º volume dessa série, intitulada *Histórias da Baratinha*, que hoje mesmo será posto à venda. Como os antecedentes, é um livro de contos populares, morais e proveitosos de vários países, porém maior, pois contém 70 histórias e, bem impresso e com gravuras, até do notável artista Julião Machado. Já se sabe que hoje à rua de S. José será invadida por uma romaria de crianças, como sucede todas as vezes que os srs. Quaresma & C. anunciam uma nova obra para a Infância (1896, p. 2).

O tratamento dispensado aos livros destinados às crianças pela Livraria Quaresma Editora – populares, morais e proveitosos – ilustra parte das dificuldades de conceituação associadas ao livro de ficção infantil na primeira metade do século XX e aos problemas epistemológicos relativos ao campo de estudo com os quais deparou Leonardo Arroyo, a exemplo da crítica de seu tempo.

2.2 Literatura infantil brasileira: a visão de Cecília Meireles¹¹

Por outro lado, as três conferências proferidas por Cecília Meireles para os professores em Belo Horizonte e reunidas em livro nos anos 1950 sob o título *Problemas da literatura infantil* concorrem para noções originais, com vistas a ampliar o exame. Importa destacar a participação de Cecília Meireles em diversas esferas culturais e educativas: em 1932, assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; de 1930 a 1933, redigiu crônicas e dirigiu a página da Educação do *Diário de Notícias*; em 1934, criou a primeira biblioteca infantil, no Pavilhão Mourisco. Também integrou a Comissão Nacional do Livro Infantil, criada em 1936, junto com professores e intelectuais, durante a gestão do ministro de Educação e Saúde Gustavo Capanema. Essa trajetória concede à escritora lugar de destaque nos debates relativos à cultura e à educação por mais de três décadas.

Merece observação o preâmbulo do livro *Problemas da literatura infantil*, iniciando suas reflexões inspirada por emblemáticos ideais humanistas:

Não se pretendeu aqui dar solução aos inúmeros problemas da literatura infantil. Pretendeu-se apenas insistir sobre a sua importância

¹¹ Entre outros levantamentos biográficos, conferir Lôbo (2002, pp. 237-47). Sobre a CNLIJ, conferir Santos (2011). Sobre as contribuições de Cecília Meireles para a historiografia da literatura infantil, ver, em especial, Silva e Santos (2014) e, para verificar a participação de Cecília Meireles no campo da cultura, conferir, em particular, Almeida (2014).

e alguns dos seus variados aspectos. Se em tal assunto pudesse a autora exprimir alguma aspiração, talvez fosse a da organização mundial de uma biblioteca infantil que aparelhasse a infância de todos os países para uma unificação da cultura, nas bases do que poderia chamar um “humanismo infantil”. Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem (Meireles, 1984, pp. 15-6).

Por meio desse estudo, a autora indicava fontes semelhantes às apontadas por Leonardo Arroyo, de um lado acentuando a literatura oral, os contos clássicos, e, de outro, lembrando a possibilidade de se postular a universalização da arte literária destinada à criança.

Tudo quanto se aprendia por ouvir contar hoje se aprende pela leitura. E, examinando-se boa parte dos livros – ainda os melhores – que as crianças utilizam, aí encontramos as histórias da carochinha, que pertencem ao tesouro geral da humanidade: as mil e uma noites, as grandes narrativas que embalaram a antiguidade, como essa do Marinheiro Simbad – os contos que Perrault, Mme. D’Aulnoy, os irmãos Grimm recolheram, histórias vindas de outras coleções, fragmentos de epopeias –, *tudo se comprime nesses livros, aproximando tempos e países, permitindo o convívio unânime dos povos, em poucos volumes* (Meireles, 1984, p. 50, grifos da autora).

No que diz respeito à conceituação da matéria, sublinha uma vertente bastante original para a época no que diz respeito à posição da criança.

[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada

por essa leitura, manifestará sua preferência, se ela satisfaz ou não (Idem, p. 30).

A originalidade residia, portanto, em certa inversão de domínio sobre o gosto. Afinal, por mais de meio século no Brasil, o material literário destinado às crianças passara pela avaliação dos adultos, que adaptavam conteúdos, temas e suportes, valendo-se de um status de subordinação do gosto dos pequenos leitores. No entanto, Cecília Meireles, em suas conferências para os professores, advogava uma mudança importante, ou seja, a necessidade de fazer avançar o debate por meio do exame da recepção das obras pelo leitor infantil.

É necessário lembrar que a ideia de inquéritos e entrevistas no que diz respeito às primeiras experiências de leitura literária já fora pensada por outros estudiosos.¹² No prefácio à primeira edição, Leonardo Arroyo (1968) cita um importante trabalho de atualização realizado por Lenyra C. Fraccaroli, *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*, que abrange até o ano de 1951. Nesse trabalho, registram-se obras, autores e sínteses temáticas, com a respectiva idade da criança a que se destina o livro. Segundo Leonardo Arroyo, essa idade foi aferida pela média obtida das idades das crianças que leram cada um dos exemplares citados na bibliografia. Entretanto, a sistematização dos resultados e até mesmo a incorporação desses dados à historiografia do livro infantil não parecem haver sido disseminadas de modo suficiente, com vistas a promover inflexões expressivas na área.

Naquela ocasião, o debate original proposto por Cecília elevava ainda mais a condição da criança como leitora proficiente. Note-se que, ao recuperar a qualidade dos textos tradicionais adapta-

12 Conferir em Senna (1968). Em acréscimo, registre-se um inquérito sobre leituras infantis que contribuiu para a fundação da primeira biblioteca pública infantil (Biblioteca do Pavilhão Mourisco). A esse respeito, conferir estudo de Pimenta (2011).

dos para as crianças, Cecília destacaria, no quadro do século XIX, *Alice no país das maravilhas* e *Alice no país do espelho*, de Lewis Carroll, como os textos mais interessantes. A seu ver, o autor do clássico inseriu elementos do maravilhoso, visto que Charles Perrault, Hans Christian Andersen e os irmãos Grimm já haviam recuperado elementos mágicos de um modo original. Não obstante a tradição crítica, o que mais lhe chamava a atenção nas histórias de Alice eram as passagens filosóficas e o uso frequente do *nonsense*, com possibilidades de inquietar adultos e crianças. Assim, para valorizar o lugar reservado à criança em relação àquele material, a escritora sublinhava que a qualidade da obra de Lewis Carroll havia passado pela avaliação da criança no momento de sua produção. E acentuava:

Antes de ser escrito, o livro de Lewis Carroll foi uma história falada, contada diretamente a três meninas. Pode-se presumir que elas colaborassem na narrativa, como costuma acontecer em tais casos, e ajudassem, com suas perguntas e observações, a estabelecer o enredo e a desenvolvê-lo (Idem, p. 110).

À metodologia proposta por Leonardo Arroyo, com vistas a recuperar material literário que divertiu e educou gerações de crianças, na passagem do século XIX ao XX e ao longo do XX, acrescentam-se as conferências da escritora Cecília Meireles.

Nesse contexto, com Leonardo Arroyo, revisitam-se os livros clássicos ao lado dos contos extraídos da literatura oral, os quais conformaram o campo da literatura infantil no Brasil. Além disso, a metodologia selecionada por ele, com base nos estudos culturais, auxilia, sobretudo, a se compreenderem as formas de apropriação do material ficcional de outros tempos, gestos tão difíceis de ser recuperados, como apontam os estudos na área de História da Leitura (Chartier, 1990; 1996; 1999). Manuel Bandeira, em *Iti-*

nerário de Pasárgada, contribui, em especial, para a compreensão de como os textos memorialísticos facultam a recuperação de leituras da infância afastadas de nosso presente, como os livros *João Felpudo*, *Simplicio olha pro ar* e *Viagem à roda do mundo em uma casquinha de noz* nos permitem avaliar.

Cecília Meireles, por sua vez, dirige-se aos professores para se manifestar sobre a importância dos livros ficcionais infantis na formação cultural e estética da criança. Os contos extraídos da tradição oral consistem no ponto de convergência entre os dois estudiosos, visto que, no delineamento do que podemos designar como fundamentos históricos da literatura infantil, há de se considerarem, com especial relevo, as adaptações dos elementos próprios da tradição oral para os livros ficcionais destinados às crianças em contexto brasileiro. Verifica-se ainda, em diálogo com a autora, a necessidade de se levar em consideração o ponto de vista da criança, seja na produção dos livros, seja no momento da apropriação da leitura. Note-se que, na visão de Cecília Meireles, é preciso avaliar a qualidade da produção literária infantil segundo a apreciação dos destinatários – no caso em exame, o leitor infantil.

Se, por um lado, os estudos desenvolvidos por Leonardo Arroyo e Cecília Meireles já forneceram rica matéria para a escrita da historiografia da literatura infantil no Brasil, por outro, não nos parecem fontes esgotadas. É importante assinalar, inclusive, sua condição de estudos clássicos no campo da crítica de literatura infantil no Brasil. Nas palavras de Ítalo Calvino (1993), “um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos sobre si, mas continuamente as repele para longe”. E “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (Idem, pp. 11-2).

Desse modo, a releitura de *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* e *Problemas da literatura infantil* permitiu o exame de conceitos e problemas relativos ao livro de ficção destinado à infância brasileira que não cessam de nos provocar no tocante à produção de conhecimento na área. São, portanto, livros clássicos, conforme a acepção do termo.

Por último, espera-se instigar, com este estudo, contribuições adicionais para a historiografia da literatura infantil no Brasil, assim como para o debate antigo e, ao mesmo tempo, tão contemporâneo que coloca em cena a criança, o livro de ficção infantil e sua educação.

Referências

- ALMEIDA, Patrícia Vianna Lacerda de. *Crônicas de Cecília Meireles: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933)* (dissertação). UERJ, 2014.
- AYALA, Walmir (org.). *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Brasília: INL Ministério da Educação e Cultura, 1973, v. 3, p. 16. (Coleção Dicionários Especializados 5.)
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1968.
- _____. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1954.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CERTEAU, Michel. de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1991, v. 1.

- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: EDUSP, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1995.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queirós; EDUSP, 1985.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.
- _____. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, v. I.
- LÔBO, Yolanda Lima. "Verbete Cecília Benevides de Carvalho Meireles". In FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e BRITTO, Jader de Meireles (orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002, pp. 237-47.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Poesia completa. Notícia biográfica*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. Sob o patrocínio do INL. Prefácio do Prof. Antonio Candido. São Paulo: Saraiva Livreiro Editores, 1969, v. IV.
- PIMENTA, Jussara Santos (org.). *Leitura, arte e educação: a biblioteca do pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Curitiba: CRV, 2011.

PIMENTEL, Figueiredo. *Histórias da avósinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1936.

SANTOS, Aline Costa. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infantojuvenil no Governo Vargas (1936-1938)* (dissertação). UFRJ, 2011.

SENNA, Homero. *República das letras, 20 entrevistas com escritores*. 2 ed. Rio de Janeiro: Olímpica, 1968.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____ e SANTOS, Aline Costa. “Por que ler literatura infantil? Conceitos e abordagens à luz das contribuições de Cecília Meireles (1930-1951)”. *Linha Mestra*, ALB, v. 1, pp. 311-17, 2014.